

Wall Street Journal: O carnaval acabou.

O The Wall Street Journal acusou ontem os sucessivos governos brasileiros de administrarem inadequadamente a economia nacional, e criticou os banqueiros internacionais por encorajá-los com dinheiro fácil.

Num editorial intitulado "A Limpeza depois do Carnaval", o prestigioso jornal financeiro diz:

"Embora indubitavelmente, por mero acaso, a reunião anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial foi iniciada ontem, em Washington, ao mesmo tempo em que os últimos detalhes eram acertados a respeito da mais recente operação de resgate realizada pelos bancos comerciais, FMI e banco central, um pacote de 11 bilhões de dólares para o Brasil. Seria difícil imaginar uma demonstração mais clara e apropriada para uma assembléia de delegados de 146 países, para o Congresso norte-americano e para os eleitores que estão acompanhando os acontecimentos.

"O Congresso norte-americano precisa decidir, enquanto debate a concessão de 8,4 bilhões de dólares ao FMI, pedida pela administração, se este trabalho, de maneira geral, é ou não benéfico para a economia mundial. Seria difícil encontrar um exemplo melhor do que o Brasil para testar tanto os prós como os contras."

Megaprojetos

"O Brasil se tornou pesadamente endividado em relação ao restante do mundo por causa de uma interessante combinação de políticas. Os seus governos enfatizaram o desenvolvimento econômico em detrimento da redistribuição, mas a maior parte do desenvolvimento econômico foi administrada pelo governo. O resultado disso é que os credores do Brasil financiaram uma impressionante coleção de megaprojetos mal concebidos — por exemplo, um vasto complexo químico que conseguiu encontrar mercados para menos da metade de sua produção. A famosa experiência brasileira de indexação dos índices salariais, das taxas de juros e outros itens, provou que aprender a conviver com a inflação simplesmente serviu para estimular uma inflação ainda maior. E o orçamento nacional brasileiro, como ocorre com os orçamentos de tantas economias atuais altamente socializadas, tornou-se um conduto para subsidiar indústrias ineficientes, pertencentes ao Estado.

"O Brasil conseguiu enfrentar tudo isso, e chegar até mesmo a dar a impressão de ser uma economia vital e em estado de crescimento, porque podia fazer empréstimos livremente. Os banqueiros ocidentais na década de 70, tentando encontrar clientes para os dólares fáceis que a Reserva Federal estava criando, e convencidos de que é impossível perder com empréstimos de 'risco soberano', encorajaram muito as práticas inadequadas do Brasil, financiando-as."

Carnaval

"O carnaval chegou ao fim quando os Estados Unidos, ameaçados por uma hiperinflação, foram forçados a colocar um ponto final nas suas políticas de dólares fáceis. Repentinamente, os empréstimos não puderam mais ser pagos em dólares em rápida depreciação. Os empréstimos contraídos nessa base azedaram e o fluxo de créditos fáceis foi interrompido. Juntamente com uma série de outros países e muitas empresas, o Brasil se tornou parte da crise de 'endividamento' internacional.

"No devido tempo, o FMI, os banqueiros centrais e os banqueiros comerciais se reuniram para ver o que podia ser feito em relação a um país que deve quase cem bilhões de dólares. O que podia ser feito era manter o Brasil funcionando com algum dinheiro novo, com a condição de aceitar algumas mudanças. Isto significaria acabar com a superindexação dos salários, reduzir os grandes subsídios à indústria estatal, diminuir a inflação do cruzeiro e interromper o trabalho nos projetos de desenvolvimento que têm boas perspectivas de se transformar em novos elefantes brancos. Os administradores do dinheiro no Brasil não aceitaram este regime com facilidade, e o FMI lhes enviou uma mensagem cortando a ajuda. Agora o novo pacote de onze bilhões de dólares foi elaborado para sustentar o país até fins de 1984. Os brasileiros que negociaram o acordo assumiram um compromisso mais forte em relação às condições, mas a maneira de eles administrarem a política no Brasil deixa algo a desejar".

O Decreto 2.045

"O principal ponto é o Decreto 2.045, que indexaria os salários em apenas 80% do índice da inflação quando entrar em vigor em meados de novembro, substituindo a fórmula destrutiva que estava indexando os salários em níveis de aproximadamente 120% e garantindo um crescente índice da inflação. Os governos militares frequentemente não têm a experiência e a sutileza de liderar a opinião pública, e o do Brasil está no momento sob pressões para recuar no caso deste decreto de importância chave. Os trabalhadores brasileiros estão achando que se tornaram vítimas de alguma conspiração internacional, e os empresários brasileiros sabem que alguns deles irão à falência com um aperto nos empréstimos estrangeiros acoplado a uma política mais rígida do cruzeiro.

"A questão, para os líderes brasileiros, é: quem irá à frente explicar os motivos pelos quais tudo isto precisa ser feito? O povo brasileiro precisa compreender que a escolha não é entre as condições do FMI e o status quo ante, mas sim entre as condições do FMI e um horrível colapso interno, se o Brasil não conseguir mais divisas estrangeiras e for obrigado a começar a fechar sua própria economia doméstica quando as importações de importância vital forem interrompidas."

Mais cuidado

"Para o Congresso norte-americano a questão é diferente. O Brasil entrou nesse apuro por causa da facilidade em conseguir dinheiro. Os 8,4 bilhões de dólares que os congressistas terão de aprovar são parcela de um aumento de cotas no valor total de 42 bilhões de dólares que darão ao FMI um poder de emprestar muito maior. Provavelmente nem é necessário dizer que o FMI irá usar esse dinheiro de forma mais cuidadosa do que os bancos comerciais quando tinham dinheiro sobrando. Mas também não é necessário dizer que os líderes nacionais que administraram de forma inadequada a política econômica são um bocado mais lisonjeiros quando querem conseguir dinheiro de agências internacionais de empréstimos do que quando precisam reformar suas más políticas.

"Se há que eles necessitam de mais ou de menos disciplina econômica? O Congresso geralmente está mais predisposto à menor dose possível de disciplina. No entanto, indisciplina e economia mundial ordenada são coisas incompatíveis. E esse é o principal assunto desta semana em Washington."